

ELEIÇÕES 86

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, sexta-feira, 14 de novembro de 1986

O que fazer na reta final?

Faltam poucas horas para o início da grande batalha. Quem trabalhou melhor, garantiu votos importantes. Mas há aqueles que ainda acreditam num esforço concentrado na reta final. Por isso, os partidos estão atuando a todo vapor hoje e amanhã, organizando a boca-de-urna de amanhã ou preparando as turmas que vão fiscalizar a apuração dos votos. No PMDB, o otimismo é grande, na esperança de fazer dois senadores e pelo menos dois deputados. O PFL acredita que fará um senador e mais de dois deputados. Cresce no PT a fé de que o professor Lauro Campos conseguirá se eleger, mas o PDT, por seu lado, acredita que a terceira vaga, pelo menos, será do advogado Maurício Corrêa. O Partido Comunista Brasileiro, que começou timidamente, já acredita que seu candidato ao Senado, Carlos Alberto Torres, tem conhecimento de que o número de indecisos em Brasília ainda é grande. O nervosismo toma conta de todo mundo, dos candidatos aos cabos eleitorais.

PMDB

Voto nulo já tira o sono

O diretório regional do PMDB trabalhou ontem a todo vapor, em clima de esforço concentrado, para o credenciamento de fiscais e realização de cursos relâmpagos para os neoinscritos. A eles era sempre recomendada atenção especial na fase de apuração, mais que na de votação, para evitar que se amplie a margem de votos nulos.

Tem a coordenação de fiscalização do PMDB que os partidos pequenos trabalhem para anular o máximo de votos e assim baixar o quociente eleitoral. Segundo o partido esta é a única forma de os partidos menores alimentarem alguma esperança de ter representação na futura Assembleia Nacional Constituinte.

Os diretórios zonais do PMDB nas cidades-satélites não alimentam dúvidas de que seu partido fará a maioria dos futuros constituintes por Brasília. Empenhados em credenciar e formar o maior número possível de fiscais, eles acham que sua legenda ficará com mais de 60 por cento dos votos válidos apurados nas urnas.

Um dos mais otimistas é Benoni Beltrão, presidente da Zonal de Sobradinho, que espera, para a coligação MDB (formada pelo PMDB, PS, PCB e PC do B), mais de 24 mil votos dos 42 mil eleitores inscritos naquela cidade-satélite.

Entre os candidatos a deputado federal mais cotados ele cita Geraldo Campos, que nos seus cálculos deverá lá receber mais de 8 mil votos e Márcia Kubitschek, com um número superior a 5 mil. Na lista de concorrentes ao Senado, o mais votado, nos seus cálculos, deverá ser Lindberg Cury, com mais de 10 mil; Pompeu e Meira Filho, também muito bem cotados, deverão receber, cada um, cerca de 8 mil votos.

Carlos Couto, presidente da Zonal do Plano Piloto (Plano Piloto e Lago Sul e Lago Norte), mais cauteloso, não ousa fazer prognóstico. Diz apenas arriscar que seu partido ficará com a maioria dos votos válidos da 1ª Zona Eleitoral. Sua maior preocupação está em formar até o fim da tarde uma equipe de 1.100 mil fiscais, a fim de cobrir o trabalho de boca-de-urna que, apesar de proibido, não deixará de ser feito, segundo ele, pelos candidatos de maior poder econômico.

Já a preocupação de Wandick Jonas da Silva, presidente da Zonal da Cellândia, se concentra na perspectiva de um nível alto de votos nulos, pela complexidade da chapa definida pela Justiça Eleitoral. Acha que seu partido ficará com a maioria dos votos válidos de lá, numa margem que ele calcula em torno de 60 por cento.

Najla Abou Ibrahim Santos, presidente do diretório Zonal do Gama, não descarta a possibilidade de haver uma surpresa muito grande nas urnas de sua cidade-satélite. Na sua opinião, o PMDB ficará a deputado federal mais votados serão Márcia Kubitschek, Geraldo Campos, Marco Antônio Campanella e Luiz Carlos Sigmaringa.

Para o Senado, pelo que ela pôde constatar, a preferência do eleitorado deverá ficar com Meira Filho, Maerle Ferreira Lima (candidato que ela vê em grande ascensão), Carlos Muriilo, Wilson Andrade, Pompeu de Souza e Lindberg Cury. Isto é, todos.

Do Paranoá, o presidente da Zonal, Roldão Freitas Vidal é de opinião que o PMDB deverá ficar com a maioria dos votos válidos, embora tema a ação de cabos eleitorais dos candidatos de maior poder econômico, que tudo farão para mudar a cabeça do eleitor, na boca-de-urna.

PFL

Expectativa com resultado

Em meio a divisões internas, denúncias de abuso de poder econômico e um rompimento branco com o governador José Aparecido, o PFL chega ao final da campanha com chances de eleger quatro deputados e um senador. Se essas previsões se confirmarem, a Frente Liberal Brasileira terá uma força política igual ou superior à do PMDB e pretende interferir na própria composição do GDF.

Há dois anos o atual presidente do PFL e candidato a senador, Osório Adriano, nem imaginava em trocar a sua carreira empresarial pela atividade política. Tudo começou quando, a pedido do então vice-presidente Aureliano Chaves, cedeu uma das salas do Edifício Brasil para a reunião que terminaria por consolidar a divisão do partido que apoiava o governo militar, o PDS, e definir a criação de uma nova legenda, a Frente Liberal.

Com o partido formado e fortalecendo-se a partir da adesão dos andrezistas (governadores e parlamentares que apoiavam a candidatura Mário Andreazza, derrotada por Paulo Maluf na convenção do PDS), surgiu a necessidade de constituir o diretório pefelista em Brasília. No dia 19 de março deste ano, foi escolhida a comis-

são executiva e Osório Adriano, que já instalara a sede do PFL em seu edifício, foi eleito presidente.

Dois dias antes da eleição, o clima ontem no comitê eleitoral do presidente do PFL era de expectativa. Embora os assessores apontassem a vitória como "absolutamente certa", Osório Adriano admitiu que estava ansioso: "Não que eu esteja intranquilo, mas estes momentos dão um frio na alma".

Na casa do candidato já há todo um esquema montado para amanhã. As 9h ele sai com sua mulher para o Colégio Inel, do Lago Sul, acompanhado pelos repórteres de pelo menos duas emissoras de televisão, que já manifestaram interesse de acompanhar os passos de Osório. Depois, pretende visitar todas as seções eleitorais que puder antes que a votação seja encerrada: "Se não foi proibido, quero manter este último contato com o eleitor. Afinal, eu não conseguiria ficar parado em casa mesmo".

O dirigente pefelista diz que não há nenhuma festa previamente programada em sua casa, até porque, ganhe ou perca a eleição, viaja imediatamente para o Pantanal Mato-Grossense.

PT

Ganhar a eleição não é tudo

Fazer pelo menos um — ou dois — deputados e um senador. Esta é a expectativa da presidente do PT, Ariete Sampalo, sobre o resultado das urnas no Distrito Federal, na próxima semana. Independentemente do número de eleitos do PT, no entanto, uma vitória já está sendo comemorada na sede do partido: o PT, na opinião de Ariete, está se consolidando em Brasília. Dos 2.500 filiados de antes da campanha eleitoral, o partido espera alcançar 10.000 depois de novembro.

"O PT de Brasília será um dos mais bem votados no Brasil", comemora Ariete, que espera ter 15 por cento dos votos para a Câmara depositados nas urnas para o PT. Para o Senado, o candidato mais bem posicionado do partido é certamente Lauro Campos, que já afirmou esperar pelo menos 150 mil

votos dos brasilienses. Ainda assim, reconhece Ariete, terá que disputar a terceira vaga para o Senado com os candidatos do PMDB e do PFL, que, por estarem colocados em grupos de dois por vaga, receberão maior número de votos dos eleitores de Brasília.

De qualquer modo, a não-coligação não deixou traços de arrependimento na presidente do PT. "A sublegenda, que de fato traria mais votos para o PT, foi um artifício criado nos governos passados para acomodar as várias facções dentro dos partidos", raciocina, "mas consilide o eleitor e descaracteriza o partido como unidade ideológica". A curto prazo, nos cálculos do PT, em termos das urnas haverá prejuízo. Mas a longo prazo, o partido terá reforçada sua identidade de oposição ao Governo, "e isso é bom".

A presidente do PT explica o motivo de o partido não ter feito coligações para a Câmara em Brasília: "O PT está organizado aqui desde 1980. Os partidos com quem poderíamos fazer coligações, e de imediato estavam excluídos o PMDB e o PFL, por serem Governo, não teriam nada para nos oferecer. O PT é o mais forte e o partido mais estruturado entre os de oposição em Brasília. Por isso, acabaria dando muito, pouco recebendo em troca".

O PDT, partido que chegou a ter um namoro com o PT, também foi excluído como parceiro. "O PT não concordou com o processo de escolha dos candidatos pedetistas, do qual foram excluídos setores progressistas e do movimento sindical, inviabilizando qualquer aliança" — diz Ariete.

PDT

Sem Brizola, quase órfão

O candidato ao Senado pelo PDT, Maurício Corrêa, vai ser eleito com 150 mil votos, com o seu mandato vigorando durante oito anos".

A previsão é do secretário-geral do partido e coordenador da campanha de Maurício Corrêa, Pedro Teixeira. Nesta reta final da campanha, Teixeira acredita que o PDT fará pelo menos um deputado, além, é claro, de Maurício Corrêa, senador.

O coordenador fez questão de destacar que a vitória prevista para o partido se dá unicamente pelo carisma de seus candidatos, já que não pôde contar com sua estrela maior, o governador Leonel Brizola. "O PDT ganhará pelo trabalho de seus líderes, porque não contou com a ajuda de empresários, nem do diretório nacional do partido, tendo os candidatos feito suas campa-

nhas com recursos próprios ou através de doações".

Teixeira recordou as dificuldades enfrentadas pelo PDT desde a sua criação até o final da campanha. Lembrou, por exemplo, que o lançamento da candidatura de Maurício Corrêa custou a acontecer, "porque havia grupos que se arvoravam como legítimos e únicos detentores das posições defendidas pelo partido". Na ocasião — recordou Teixeira — a maior preocupação era fazer como agora, com que o PDT não se dividisse internamente. Outro fato enfrentado pelo PDT, segundo o seu secretário-geral, foi o mercado de votos. Todos queriam vantagem e faziam pedidos mais absurdos, como um eleitor que enviou um bilhete pedindo um TV em cores. Foi um custo convence-lo de que o Comitê só tinha idéias.

NANICOS

Na corrida, vale sonhar

PPB, PRP, PN, PJ, PMB, PL, PDC, PMN, PMC, PSC, PS, PCN, PND, PSB. Ao todo foram 14 novas (algumas nem tanto) siglas com as quais o eleitor brasiliense se deparou nessa primeira eleição do DF. Enfrentando todas as dificuldades, os "nanicos" foram à luta junto com os partidos de expressão nacional na caça ao voto — alguns têm até chance de êxito na corrida pela Constituinte.

A essas siglas se juntaram o PTB, PDT e PDS e foi formada (com exceção do PS, coligado ao PMDB, PCB e PC do B), a Frente de Ética dos Nanicos, que no seu primeiro manifesto, em 30 de outubro, pediu uma eleição limpa no DF. Os nanicos se posicionaram contra a demagogia, o abuso do poder econômico, o uso da máquina administrativa em favor de candidatos. Pediram igualdade de direitos dos partidos e a plena autonomia política do DF.

Rosalvo Azevedo, secretário-geral do PDC e um dos articula-

res da Frente, diz que a intenção era criar um movimento suprapartidário para esclarecer a população, chamando a atenção sobre candidatos que abusaram do poder econômico, que já participaram do governo e nada fizeram, e sobre os "acordos insinceros", como eles classificam a aliança PMDB/PCB.

A campanha do PDC, segundo o candidato do partido ao Senado, Alberto Peres, foi calcada unicamente nos fundos do partido, o que caracteriza a sua "independência". Essa é, aliás, uma das queixas de Peres em relação à legislação — a impossibilidade de uma boa divulgação dos candidatos. O partido também se sentiu prejudicado pelo pouco tempo no horário gratuito.

O PSB é outro partido conflitante. Entre seus candidatos estão os radialistas Alvaro Costa e Rosemary Góes, Nilson Curado, Waldimiro Abreu e o presidente da agremiação, Luiz Manzollilo.

PCB

Disputa é mesmo pra valer

"O Partido Comunista Brasileiro ocupou definitivamente um espaço na sociedade do Distrito Federal e as nossas propostas são entendidas, não apenas pelos militantes, mas por milhares de trabalhadores, donas-de-casa, profissionais liberais e religiosos porque elas são amplas, democráticas e defendem a implantação do socialismo em nossa pátria respeitando-se o sistema pluripartidário". A afirmação é do candidato do PCB ao Senado por Brasília, Carlos Alberto Muller Lima Torres, que surpreendendo os demais partidos locais, consegue chegar na reta final da campanha com possibi-

lidades de ocupar a terceira vaga no Senado.

Segundo Carlos Alberto, a campanha do PCB em Brasília partiu do princípio de que as propostas dos comunistas devem ser levadas em estreiteza a toda a sociedade, através de um debate franco e com a demonstração clara da desvinculação dos seus candidatos dos grupos econômicos. "Nós jamais quisemos ser os donos da verdade e sempre nos propusemos a discutir temas polêmicos e a assumir as nossas fraquezas com sinceridade na campanha. Este comportamento permitiu o nosso crescimento junto à opinião pública", acrescentou o candidato.

PDS

Remando contra a imagem

"O povo não esquece, acabou o PDS". Para poder concorrer às primeiras eleições de Brasília, o Partido Democrático Social, outrora o "maior partido do Ocidente", teve que batalhar muito para apagar a imagem do partido que, entre outras coisas, derrotou a emenda das Diretas no Congresso Nacional. Assim, surgiu em Brasília o "novo PDS", que, como diz seu slogan, nunca foi governo.

A campanha do partido, fundado em Brasília em maio do ano passado, foi pobre e calçada na intenção de mostrar ao eleitor que o antigo PDS está superado. Segundo o vice-presidente e um dos dois candidatos do partido ao Senado, Acyr Pitanga Selgas, as pessoas que hoje fazem o PDS em Brasília "entraram no partido pela contramão, no momento que todo mundo estava saindo para continuar no poder". Para ele, aconteceu algo semelhante ao que ocorre com os times de futebol — mudaram os jogadores, mas continua a legenda.

Pitanga considera que, neste sentido, ainda há muito o que fazer, pois "a maioria entende, mas muitos acham que ainda somos aquele PDS que ninguém gosta". Ele diz que se filiou ao partido há cerca de

dois anos, seduzido pelo programa, que considera excelente, mas nunca foi cumprido por aqueles que estavam no poder. Atualmente o PDS conta com cerca de 5 mil filiados no DF, e está estruturado, com diretórios em quase todas as satélites.

Não deixa de ser curioso que o PDS, atualmente o terceiro maior partido do País — depois do PMDB e do PFL — em Brasília se alinhe junto aos "nanicos". Segundo Pitanga, isto ocorre porque, como os pequenos, o PDS se encontra numa luta "desigual", porque é necessário contrapor a a campanha a candidatos milionários, ou apoiados por grupos e empresas poderosas, "e você luta só com os fundos do partido".

O PDS se queixa que esteve "amordaçado" até a chegada do horário eleitoral gratuito do TRE, "porque o Governo do Distrito Federal usou de toda sua influência junto aos órgãos de informação para impedir a divulgação do nosso programa", queixa-se Pitanga. De qualquer forma, alguns dos 12 candidatos à Câmara e dois ao Senado conseguiram fazer críticas contundentes "e construívas", desmentindo a afirmação de que o PDS não sabe fazer oposição.